

OS ÓRFÃOS DA CAPITAL SONHADA

COM UM CRESCIMENTO POPULACIONAL DUAS VEZES SUPERIOR À MÉDIA NACIONAL, O DF DE 2,5 MILHÕES DE HABITANTES NÃO DEIXA ESPAÇO PARA A QUALIDADE DE VIDA DE BOA PARTE DOS MORADORES

DIEGO AMORIM
DA EQUIPE DO CORREIO

O boom populacional de Brasília não estava nos traços de Lucio Costa, o urbanista que planejou a cidade. De 1980 para cá, a população brasileira cresceu 54,6%. O Distrito Federal, por sua vez, registrou, no mesmo período, um salto de 108,6%. Hoje já são quase 2,5 milhões de pessoas espalhadas no DF. Se não bastasse, o Entorno também cresceu de maneira assustadora. Nos últimos sete anos, a região que engloba 19 municípios goianos e três mineiros teve a população aumentada em 16,5% — o dobro da média observada no Brasil.

Por mais que não estivesse nos planos de quem a sonhou, Brasília virou cidade grande, com todos os efeitos colaterais que esse fenômeno causa. Nos 48 anos, a capital do país continua a atrair milhares de imigrantes. E os governos que se revezaram no poder nessas quase cinco décadas não deram conta de enfrentar a situação como deveriam. Pelo contrário, acabaram em alguns casos por estimular o crescimento desordenado. "Essa situação é uma crítica direta a quem governa. O básico é investir em educação, saúde e trabalho, mas a opção tem sido distribuir lotes, alargar pistas e construir viadutos", comentou geógrafo e pesquisador associado da Universidade de Brasília (UnB) Aldo Paviani.

Com tanta gente chegando e vivendo no mesmo espaço, a cidade inchou. Afaltaram renda, emprego, opções de lazer, infra-estrutura para todo mundo. Aos poucos, inevitavelmente, como em toda cidade grande, começaram a aparecer problemas como o desemprego e a violência.

“
O BÁSICO É INVESTIR EM EDUCAÇÃO, SAÚDE E TRABALHO, MAS A OPÇÃO TEM SIDO DISTRIBUIR LOTES, ALARGAR PISTAS E CONSTRUIR VIADUTOS

”
**Aldo Paviani,
geógrafo e pesquisador
associado da UnB**

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) este mês mostraram, por exemplo, que a taxa de desemprego no DF está em 11,8%, contra 8,2% da média nacional. Na área da educação, a evasão escolar aumentou e o analfabetismo continua: 129 mil moradores do



DE PAPO PARA O AR, AOS PÉS DO PODER
Carlos não se lembra do sobrenome e vigia carros na Esplanada dos Ministérios. Num bom dia, ganha R\$ 30



QUATRO FILHOS, POUCAS CHANCES
A cearense Tereza de Souza vende brincos e água na Catedral. Se pudesse, voltaria hoje mesmo para Fortaleza

DF não sabem ler nem escrever. Brasília não é uma cidade blindada, não está livre das mazelas sociais. A série de reportagens que o Correio publica desde quarta-feira é mais uma mostra disso.

Os meninos e meninas que caíram na armadilha da exploração sexual infantil e do consumo de drogas na Rodoviária do Plano Piloto são de cidades do DF e do Entorno. O crescimento desordenado da região tem sua parcela de culpa pela situação a que chegam essas crianças e adolescentes. A opinião de especialistas ouvidos pelo Correio é de que a vergonha no coração da capital federal revela a falta de cuidado com que os governos encaram o crescimento populacional. Agora, acreditam eles, é preciso correr contra o tempo, mas com um pensamento a médio e longo prazo.

O que precisa ficar claro, segundo a professora da Universidade de Brasília (UnB) Ana Maria Nogales, é que o imigrante, frequentemente, acaba injustificado nessa história. Brasília oferece boas oportunidades. Por isso, ainda atrai pessoas. "O problema não está na população de imigrantes. Está na falta de estrutura para receber-lhos", ressaltou Ana Maria, doutora em demografia e coordenadora do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais da UnB. "A educação é o segredo. Quanto mais educação, menos desemprego, menos criminalidade", opinou a presidente da Ordem dos Advogados do Brasil no DF, Este-fânia Viveiros.

tirar até R\$ 40, mas é raro. A vida aqui não é boa. Se eu pudesse, voltava hoje mesmo para minha terra", disse.

A vida da baiana Aurinda Maria de Jesus, 44 anos, também não é simples. Ela saiu da casa onde vive, em Luziânia (GO), todos os dias às 6h para ir a Taguatinga. Vende chapéus e guarda-chuvas no centro da cidade, em uma banca improvisada, e só volta para Goiás no fim da tarde. "Procurei trabalho em vários lugares, mas sempre me chamavam de velha e diziam que não tinham lugar para mim. Agora me viro como posso", relatou. "Em Luziânia não venho nadar, se vendo é falso. Assim, não consigo nem comer. Venho para o Distrito Federal para poder viver, aqui as pessoas compram mais."

Durante muito tempo, Brasília sustentou o título de "ilha da fantasia". "Pode até continuar sendo, mas é uma ilha para muito poucos", disse o superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no DF, Alfredo Gastal.

"Isso já acabou. A 'ilha da fantasia' era um sonho que virou pesadelo", emendou o presidente da Comissão de Direitos Sociais da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF), André Macarini. Mas experimente dizer isso para quem está no governo... "Se o sonho acabar, acaba a vida", afirmou a secretária de Desenvolvimento Social e Trabalho do DF, Ellana Pedrosa.



SAÚDE, SINTOMA DA COMPLICAÇÃO

A área da saúde é uma das que mais sofrem com o crescimento desordenado no Distrito Federal e no Entorno. "Do jeito que está, não há como gerir a saúde pública do DF", avaliou o promotor Jairo Bisol, titular da Promotoria de Defesa da Saúde do Ministério Público. Há dois anos, ele é um dos principais atores na luta para que os governos do DF, de Minas Gerais e de Goiás coloquem em prática soluções para resolver o problema. Sem infra-estrutura nas cidades do Entorno, os moradores freqüentemente migraram para o DF em busca de atendimento médico de qualidade.

Um dos sintomas dessa situação pôde ser visto no fim da tarde da última sexta-feira. Mais de 30 pessoas esperavam por atendimento no setor de radiologia do Hospital Regional do Gama (HRG), a unidade do DF que mais recebe moradores do Entorno. No fim da tarde, por volta das 18h, houve um início de tumulto. Pacientes revoltados com a demora ameaçaram

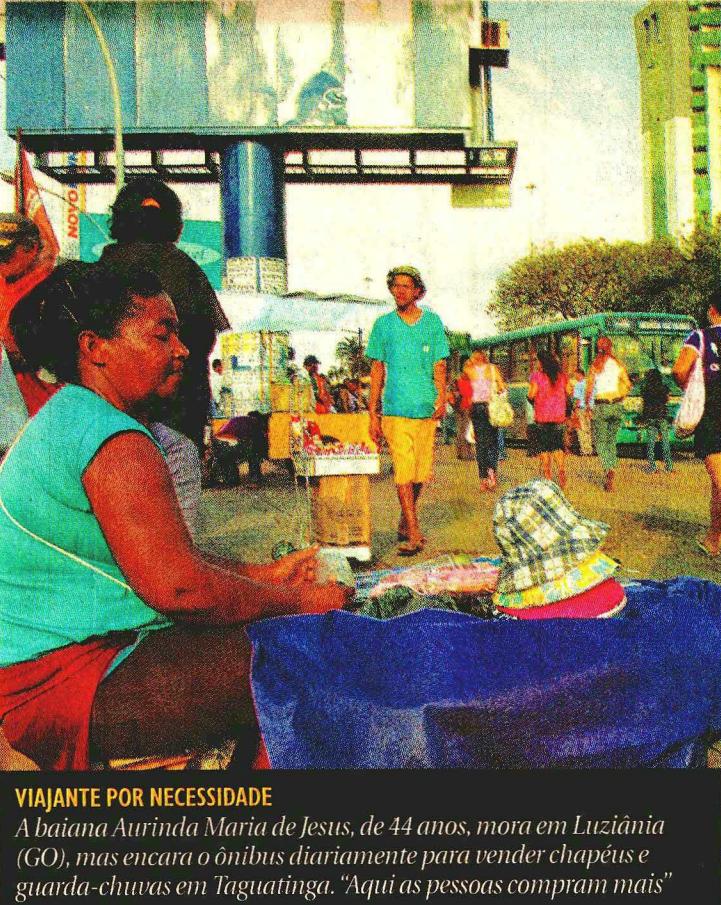
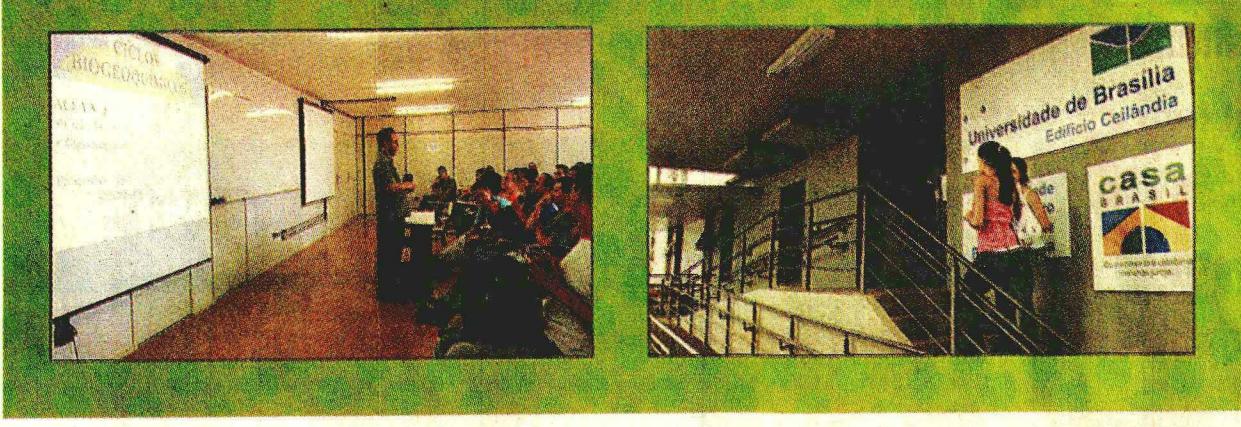
O GDF prometeu levar a UnB para as cidades. Quando isso vai acontecer?



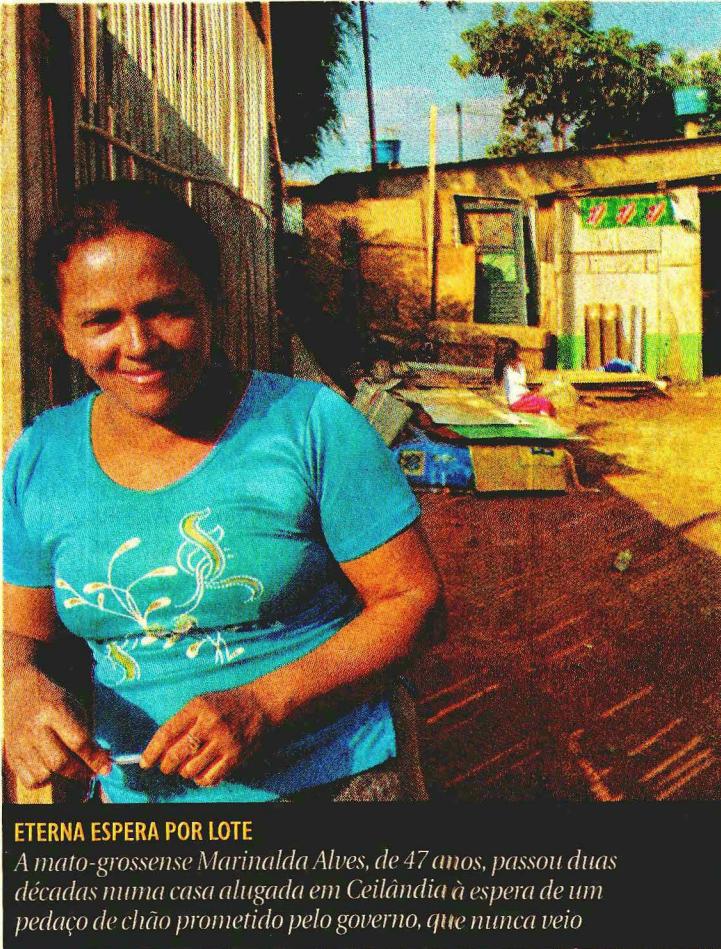
240 alunos da Ceilândia, 240 do Gama e 600 de Planaltina já fazem UnB em suas cidades.

A UnB nas cidades já é uma realidade. Na Ceilândia, são cinco cursos e, no Gama, quatro. E o GDF vai iniciar nessas cidades a construção de mais quatro prédios para 5 mil alunos. Já em Planaltina, 600 alunos estudam em três cursos e o campus já está sendo ampliado para receber 3.100 alunos. É mais educação superior, de graça, para quem mais precisa.

GDF
Pensa em você.
Trabalha pra você.



VIAJANTE POR NECESSIDADE
A baiana Aurinda Maria de Jesus, de 44 anos, mora em Luziânia (GO), mas encara o ônibus diariamente para vender chapéus e guarda-chuvas em Taguatinga. "Aqui as pessoas compram mais"



ETERNA ESPERA PRA LOTE
A matto-grossense Marinilda Alves, de 47 anos, passou duas décadas numas casas alugadas em Ceilândia à espera de um pedaço de chão prometido pelo governo, que nunca veio